

O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO:
QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS



Ana Maria de Mattos Guimarães
Anna Rachel Machado
Antónia Coutinho (organizadoras)

**O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO:
QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS**

MERCADO
LETRAS

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

O interacionismo sociodiscursivo : questões epistemo-
lógicas e metodológicas / Ana Maria de Mattos Guimarães,
Anna Rachel Machado, Antônia Coutinho (organizadoras)
– Campinas, SP : Mercado de Letras, 2007. *Coleção Idéias
Sobre Linguagem*.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-071-9

1. Análise do discurso 2. Interação Social I. Guimarães,
Ana Maria de Mattos II. Machado, Anna Rachel III.
Coutinho, Antônia IV. Série.

07-8922

CDD-401.41

Índice para catálogo sistemático:

1. Análise do discurso : Comunicação : Linguagem 401.41

Coleção Idéias sobre Linguagem

coordenação: Maria de Lourdes Meirelles Matencio

conselho editorial: Jane Quintiliano Guimarães Silva

Juliana Alves Assis

Maria Beatriz Nascimento Decat

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Lúcia Helena Lahoz Morelli

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS EDIÇÕES E LIVRARIA LTDA.

Rua João Cruz e Souza, 53

Telefax: (019) 3241-7514

13070-116 – Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1a edição – 1000 exs.

OUTUBRO/2007

Impressão Digital

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

Apresentação	9
--------------------	---

QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS

1. A atividade de linguagem frente à LÍNGUA: homenagem a Ferdinand de Saussure	19
<i>Jean Paul Bronckart (tradução de Anna Rachel Machado)</i>	
2. O estatuto da análise e da interpretação dos textos no quadro do Círculo de Bakhtin	43
<i>Carlos Alberto Faraco</i>	
3. Textualização, ação e atividade: reflexões sobre a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo	51
<i>Maria de Lourdes Meirelles Matencio</i>	
4. Leituras possíveis do ISD: agir, produção de textos e trabalho	65
<i>Glaís Salles Cordeiro</i>	
5. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor	77
<i>Anna Rachel Machado</i>	

QUESTÕES EM DEBATE

6. Textos e gêneros de texto: problemas (d)e descrição 101
Antônia Coutinho
7. O Interacionismo sociodiscursivo, a inserção social, a construção da cidadania e a formação de crenças e valores do agir individual 111
Rosalvo Pinto
8. O estatuto dos gêneros no quadro do ISD: provocando o debate 121
Beth Brait
9. Hipótese sobre o funcionamento dos mundos e dos tipos discursivos nos textos artísticos 127
Maurício Érnica
10. O conceito de tipos de discurso e sua relação com outros conceitos do ISD 145
Marcos Baltar
11. Os tipos de discurso em debate 161
Florência Miranda
12. O contexto do agir de linguagem 167
Lusinete Vasconcelos de Souza
13. Da conceptualização do contexto de produção e da sua produtividade na Didática da Escrita. 177
Luísa Álvares Pereira e Luciana Graça
14. Problemas na conceitualização do contexto de produção. 191
Maria Cecília P. Souza-e-Silva

QUESTÕES METODOLÓGICAS

15. O agir educacional nas representações de professores de língua materna. 201
Ana Maria de Mattos Guimarães

16.	Relatórios de estágio: opacidade e vaguidão na análise do agir do professor	221
	<i>Maria Angela Paulino Teixeira Lopes</i>	
17.	O trabalho do professor: revelações possíveis pela análise do agir representado nos textos	237
	<i>Eliane Gouvêa Lousada, Lília Santos Abreu-Tardelli e Tânia Mazzillo</i>	
18.	Procedimentos de análise e interpretação em textos de avaliação	257
	<i>Vera Lúcia Lopes Cristovão</i>	
19.	Questões teóricas do ISD face à emergência da internet como contexto de produção textual: um lugar para a emoção.	273
	<i>Dinora Fraga</i>	



APRESENTAÇÃO

Caro leitor,

Todo livro tem uma história, mas nem sempre ela é apresentada, sobretudo em se tratando de texto acadêmico. Optamos, entretanto, por contar a história do grupo que escreve esta obra. O conjunto de artigos aqui apresentados reflete a influência produtiva que a teoria do interacionismo sociodiscursivo (ISD, de ora em diante) tem exercido nos últimos dez anos nas pesquisas brasileiras, e também portuguesas, da área da lingüística e da lingüística aplicada. Assumindo esse quadro teórico, vários pesquisadores têm buscado compreender o agir humano que se (re)configura nos textos e, em particular, o agir implicado no trabalho do professor. Outros se voltam para a análise de textos, com os mais diversos objetivos: para compreender o funcionamento dos diferentes níveis da textualidade e de suas relações com o contexto, com os gêneros e com o desenvolvimento humano, para elaborar e avaliar materiais didáticos, para analisar e avaliar experiências didáticas, para formar professores.

Podemos dizer que o ISD começou a se delinear a partir de 1980, com a constituição de um grupo de pesquisadores na Unidade de Didática de Línguas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, como Bernard Schneuwly, Daniel Bain, Joaquim Dolz, Itziar Plazaola e outros, que, sob a coordenação de Jean-Paul Bronckart, voltou-se para um amplo programa de pesquisa comum. Tomando Vygotsky como fonte de referência maior, no campo

do desenvolvimento, e Bakhtin, no campo da linguagem, esses pesquisadores posicionaram-se a favor da reunificação da Psicologia, atribuindo-lhe uma dimensão social, com a finalidade de esclarecer as condições da emergência e do funcionamento do pensamento consciente humano. Atualmente, essa posição se expandiu, chegando Bronckart a dizer que se trata de um projeto de construção de uma Ciência do Humano integrada.

Seguindo os passos de Vygotsky, a importância conferida à linguagem nesse processo levou esse grupo a mergulhar em estudos e pesquisas sobre o funcionamento dos textos/discursos e sobre o processo de sua produção, bem como sobre as diferentes capacidades de linguagem que se desenvolvem no ensino/aprendizagem formal dos gêneros e dos diferentes níveis da textualidade. Inicialmente, com base em milhares de trechos de textos, foi construída uma grade de análise e um primeiro modelo da estrutura dos textos do francês contemporâneo, divulgado na obra *Le fonctionnement des discours*, em 1985. Os procedimentos aí delineados forneceram a base para trabalhos comparativos, com a aplicação do mesmo método ao estudo de textos de outras línguas. Posteriormente, os aportes de todos esses trabalhos convergiram para uma substancial (re)formulação, desenvolvida por Bronckart na obra *Activité langagière, textes et discours*, de 1997, que foi traduzida para o português, no Brasil, em 1999, possibilitando a divulgação mais ampla, entre nós, dos pressupostos teórico-metodológicos do ISD.

Ainda em Genebra, os mesmos procedimentos serviram de base para pesquisas sobre as condições de aquisição dos principais níveis da organização textual por crianças submetidas ao ensino formal. Outros trabalhos voltaram-se, de modo mais diretamente intervencionista, para a didática das línguas: de um lado, contribuíram para a reforma dos programas de ensino de línguas da Suíça francófona, com uma nova abordagem da gramática e uma nova concepção do ensino de textos narrativos, argumentativos e informativos; de outro, construíram-se instrumentos para o ensino, como manuais para o ensino do francês e as conhecidas “seqüências didáticas”, que, em momento posterior, passaram a se centrar especificamente no ensino de gêneros, sobretudo nos trabalhos de Dolz e Schneuwly, parte deles também já traduzida para o português, em 2004. Ao mesmo tempo, foram desenvolvidos por Bronckart trabalhos de cunho mais teórico, nos quais o autor enfoca a epistemologia das ciências humanas, as conseqüências a serem tiradas da teoria saussuriana do signo e das teorias da ação.

Mais recentemente, por volta de 2001, constituiu-se um subgrupo na Unidade de Didática das Línguas (Grupo Linguagem, Ação,

Formação – LAF), voltado para um amplo programa de pesquisa para a análise das ações e dos discursos em diferentes situações de trabalho, incluindo-se aí a do trabalho educacional. Nessa linha, diversos artigos de Jean-Paul Bronckart constituíram a obra *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*, lançada em 2006, em organização e tradução de Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio.

No Brasil, o trabalho gerador dessa linha de pesquisa desenvolveu-se no Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL/PUC-SP), que mantém, desde 1994, acordo institucional com a Universidade de Genebra. Por outro lado, diversos pesquisadores brasileiros, de diferentes instituições, também já desenvolviam trabalhos na ótica teórica do ISD. A reunião desses pesquisadores se deu durante a realização do XIV InPLA, na PUC-SP, em 2004, com o objetivo de mapear o que se está fazendo no Brasil e em Portugal com apoio nessa teoria. Esse processo culminou, em 2005, durante a realização do Congresso Internacional Linguagem e Interação, promovido pela UNISINOS, com a consolidação de um grupo de pesquisa, o grupo ALTER, registrado no CNPq, que reúne pesquisadores da PUC-SP, PUC Minas, UEL, UNISINOS, UCS, UFG, UFMG, CEUB, no Brasil, da Universidade Nova de Lisboa, em Portugal, e da Universidade de Rosário, na Argentina.

O grupo ALTER se une por laços teóricos, tendo por base os mesmos pressupostos gerais e um mesmo tipo de raciocínio global, apresentando variedade dos temas e dos contextos de pesquisa focalizados. Essa variedade de combinações deriva da própria concepção multidisciplinar do ISD, que incentiva a encontrar, de forma coerente, soluções adequadas aos problemas particulares de cada pesquisa. O ISD permite – ou até mesmo exige – que cada pesquisador assuma seu papel de verdadeiro construtor de conhecimentos, contribuindo, de fato, para o desenvolvimento teórico e metodológico da teoria.

Estamos, pois, diante de um grupo que assumiu o desafio de tomar por base uma teoria com a grande vantagem de esta encontrar-se em construção, estando, portanto, aberta a novas possibilidades, desde que ancoradas em seus princípios fundantes. Este livro mostra o estado da arte das considerações teóricas do ISD, com o mérito de trazer como debatedores pesquisadores de outras áreas teóricas, com outras vozes teóricas, pontos de vista diferentes, que entram para aprofundar questões importantes.

Em junho de 2006, o grupo de pesquisa ALTER(CNPq), com apoio da FAPESP, do CNPq e da CAPES, realizou o I Encontro Interna-

cional do Interacionismo Sociodiscursivo, na PUC-SP, com o objetivo de aprofundamento de questões epistemológicas e de levantamento de problemas e de reformulações teóricas e metodológicas, no quadro dessa teoria do ISD.

Assim, o encontro – diferentemente do que ocorre na maioria dos congressos que atualmente se realizam no Brasil – funcionou não como uma sucessão de comunicações de pesquisas individuais, mas como um espaço de discussão efetivo – com base na leitura (e/ou releitura) de textos do Prof. Dr. Jean-Paul Bronckart, que participou ativamente do evento em todas as suas fases. O livro agora apresentado reúne artigos de pesquisadores de quatro países (Suíça, Portugal, Argentina e Brasil), de diferentes estados brasileiros (São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás e Distrito Federal, de suas capitais e do interior) e de diferentes instituições educacionais, diretamente envolvidos no I Encontro e que, a partir dele, elaboraram os textos que se seguem. Optou-se por se manterem alguns dos debates originais, justamente para mostrar o diferencial do grupo, que consiste em estar aberto a discussões e novas propostas, num instigante diálogo entre a teoria do ISD e outras visões teóricas. De forma geral, entretanto, o livro não é um espelho da estrutura do encontro, pois compusemos a obra a partir dos temas mais gerais que atravessam o atual momento do ISD.

A obra está organizada em 3 partes. A primeira retoma questões epistemológicas centrais e avança para conceitualizações do agir e do trabalho docente. A segunda revela debates possíveis sobre questões que a teoria vem desenvolvendo, como é o caso do estatuto que dá aos tipos discursivos e aos gêneros de texto, assim como ao contexto do agir. A última parte apresenta questões metodológicas. Lança-se, então, para a práxis ou sua análise, incluindo propostas e procedimentos de análise do agir docente, possibilidades de transposição didática e de inter-relação com o universo tecnológico.

Na primeira parte, são tratadas referências fundamentais para o ISD. Jean-Paul Bronckart retoma a leitura de obras de Saussure e aponta possibilidades de desenvolvimento da teoria numa ancoragem saussuriana. Carlos Faraco interpreta idéias do círculo de Bakhtin, enquanto Maria de Lourdes Matencio traz à baila a teoria vygotskiana.

No artigo que abre o livro, Jean-Paul Bronckart retoma um dos conceitos-chave do ISD, baseado em trabalhos de Voloshinov e de Bakhtin, o da abordagem descendente dos fatos da linguagem, colocando em primeiro plano a práxis, ou seja, a dimensão ativa, prática, das condutas humanas em geral e das condutas verbais em particular. Defende o caráter universalizante dessa abordagem, pois as proprie-

dades das atividades humanas, como as dos gêneros de textos, são passíveis de ser válidas em qualquer língua natural utilizada, mas interroga-se sobre qual é o estatuto das especificidades das línguas naturais e da LÍNGUA enquanto sistema. Nesse percurso, lança mão de idéias saussurianas, interpretando vários textos dispersos deixados por Saussure, para propor que a teoria do ISD aprofunde determinadas questões, como a articulação mais clara entre o sistema da língua e o sistema dos textos/discursos.

O artigo que se segue é de autoria de Carlos Alberto Faraco e versa sobre textos, sua produção, análise e interpretação no quadro das idéias do Círculo de Bakhtin. Ao apresentar Bakhtin como um filósofo, Faraco mostra a dificuldade de transpor a filosofia do dialogismo para um modelo analítico. Todo texto pode ser entendido como um alerta no sentido de evitarem-se análises abstratas exaustivas, “porque a vida do texto está nas relações dialógicas que ele condensa e no diálogo que ele suscita, diálogo que não conhece acabamento”, como o próprio Faraco afirma.

O artigo de Maria de Lourdes Matencio coteja princípios e pressupostos epistemológicos da proposta interacionista desenvolvida por Vygotsky com os retomados por Bronckart no ISD. Assinala as contribuições que o ISD apresenta, enfatizando a importância da centralidade da ação de linguagem nos processos de textualização. Ilustrando seus pontos de vista, a autora conduz o leitor a compreender a importância das relações entre ações de linguagem e atividades de interação como integrantes das práticas de textualização, dentro do quadro defendido pelo ISD. Transpõe essa relação para o cenário da escola para definir intervenções formativas na perspectiva do ISD, como “aquelas que inserem os sujeitos em determinadas práticas, que permitem a eles o acesso sistemático a saberes e representações construídas historicamente e, além disso, lhes oferecem a possibilidade de assumir um posicionamento identitário crítico em relação a tais práticas, saberes e representações.”

O artigo de Glaís Cordeiro apresenta questionamentos a propostas de análise de situações de trabalho, desenvolvidas por pesquisadores do ISD. A maior crítica da autora prende-se à focalização, talvez excessiva, nas configurações das unidades lingüísticas que semiotizam os textos que prefiguram o agir, a partir dos procedimentos de análise empregados. Sua proposta vai na direção da necessidade de uma articulação entre gêneros de textos prefigurativos e objeto do agir.¹

1. Num diálogo possível entre os diversos artigos que formam esta obra, na

Esta parte é fechada com artigo de Anna Rachel Machado, em que ela avança na concepção de trabalho. A autora mostra a necessidade de se discutir o conceito de trabalho, considerando algumas das prenoções que sobre ele circulam, a origem e a constituição de seus sentidos atuais, a importância da comunicação em diferentes situações atuais de trabalho e sua relação com a emergência de estudos sobre a linguagem em situações de trabalho. Seu artigo tem o mérito de aliar algumas das concepções sobre o trabalho já desenvolvidas pela Ergonomia da Atividade e pela Clínica da Atividade, às de Bronckart (2004/2006), de forma a permitir chegar a uma definição, que a autora intitula de “provisória”, sobre o “trabalho do professor”. A justificativa desenvolvida mostra, entretanto, a pertinência dessa definição e sua importância para novos trabalhos que versem sobre o tema.

A segunda parte do livro traz à luz estudos e pesquisas sobre o funcionamento dos textos/discursos, sobre o processo de sua produção e sobre as diferentes capacidades de linguagem envolvidas nos gêneros e nos tipos discursivos. Inicialmente, Maria Antónia Coutinho e Rosalvo Pinto trazem suas contribuições sobre o estatuto dos gêneros de texto no quadro conceitual do ISD. Beth Brait faz uma releitura dessa questão, ao provocar o debate desse tema e lançar desafios específicos que, certamente, contribuirão para melhor compreendermos a questão dos gêneros.

O debate seguinte foi proposto a partir dos tipos discursivos, considerados por Bronckart, em suas obras de 1997/1999, 2004/2006, como unidades lingüísticas, segmentos, que entram na composição dos textos, mas não os constituem por si mesmos. Maurício Érnica desenvolve interessante hipótese sobre o funcionamento dos tipos e dos mundos discursivos, a partir do contexto de textos artísticos. Já Marcos Baltar questiona os tipos de discurso apresentados por Bronckart e propõe modificações. Coube a Florência Miranda recolocar a questão, refletindo sobre as novas propostas, de forma a permitir a continuidade do debate.

Esse mesmo espírito está presente no debate que Maria Cecília Perez Souza-e-Silva propõe, ao revisar a noção de contexto de produção, sob diferentes ângulos teóricos, a partir dos textos de Lusinete Vasconcelos de Souza e de Luísa A. Pereira e Luciana Graça.

terceira parte, artigo de Ana Maria de Mattos Guimarães mostra possibilidades de análise dos objetos constitutivos das representações que os professores fazem de sua própria prática e propõe aparato teórico-metodológico que dê conta dessa questão.

O artigo de Souza procura entrelaçar alguns pontos da teoria de Bakhtin (1988; 1992) referentes aos signos e à estrutura social, com a intenção de proporcionar ao interlocutor uma visão mais ampla do contexto social; o referencial teórico sobre o contexto de produção do texto falado ou escrito, conforme Bronckart (1999; 2006), e a descrição do contexto de uma classe de alfabetização de crianças. Pereira e Graça assumem uma perspectiva crítica em relação ao conceito, que, aliás, o próprio Bronckart tem reconceitualizado em diversas obras, para refletir sobre seu emprego em situação de ensino de produção textual na escola.

A terceira e última parte pode ser vista como um diálogo com as anteriores, pois vai retomar, do ponto de vista praxiológico, vários pontos já apresentados. Assim, a proposta de análise do agir desenvolvida no artigo de Ana Maria de Mattos Guimarães, tomando como foco o trabalho representado, analisa textos de professoras sobre suas representações do agir. Para isso, incorpora os objetos constitutivos do agir docente, ampliando a proposta de Amigues (2004), assim como mostra a importância de se considerar, no instrumental de análise do trabalho docente, a gerência dos mecanismos enunciativos.

O artigo de Maria Ângela Paulino Lopes analisa o relatório de estágio, tanto na sua constituição como um gênero textual, como na sua ação de linguagem propriamente dita. Por meio da ação desse gênero, mostra que é possível uma reflexão em duas dimensões: o fazer do professor (as condições que cercam seu agir, as habilidades que demonstra ter sobre as atividades de elaboração, planejamento e execução) e as representações que os alunos-estagiários, professores em formação, constroem em seus textos sobre as ações dos docentes em sala de aula.

Eliane Lousada, Lilia Abreu-Tardelli e Tânia Mazzillo utilizam diferentes textos representativos do agir docente para propor um instrumental de análise do agir representado nesses textos. Seu trabalho é resultado de três diferentes teses de doutoramento e mostra como é possível fazer uma leitura conjunta e coesa de relações encontradas em cada um dos trabalhos, com vistas a um objetivo maior.

Esse mesmo trabalho sobre procedimentos de análise é retomado em artigo de Vera Lúcia Cristovão, que traz a questão de ensino/aprendizagem de língua estrangeira como exemplo, vista sob o aspecto de textos de avaliação. A autora parte da relação entre o conceito de capacidades de linguagem e o conhecimento do sistema da língua para problematizar procedimentos de análise propostos para

textos de avaliação do saber docente e do conhecimento com o qual o docente trabalha.

O artigo que encerra o livro lança o desafio da utilização da teoria do ISD em ambientes virtuais. Dinorá Fraga, ao trazer a internet como um novo contexto de produção textual, mostra que isso significa não somente tomar os textos produzidos nesse ambiente para análise, mas considerá-los como condições específicas de produção que esse contexto envolve, que são paradigmáticas porque envolvem nova percepção da realidade.

A retomada dos artigos agora apresentados mostra o fôlego dos pesquisadores que vêm se apoiando no ISD para suas pesquisas. Esse é um caminho em aberto para novos desbravadores. Bem-vindo a este mundo!

Ana Maria de Mattos Guimarães
Anna Rachel Machado